

ca
co
s

momentos que fi(n)cam



Dar de cara com aquela fachada com tantos indícios de abandono foi um susto. O restaurante estava indiscutivelmente fechado. Há quanto tempo? Como não tinha se dado conta? Ela seguiu seu caminho, decidida: pararia o carro e perguntaria na banca ou na padaria. Amanhã, sem pressa.

Decisão sem efeito isso de enfrentar um abalo com racionalidade. Acabara de ser roubada de algo que era valioso, o que a encheu de urgências. Dali para sempre, não haveria mais a possibilidade de voltar àquela mesa

bem reservada, no canto de trás do segundo salão do restaurante. Não ia mais poder sentar lá, no exato lugar onde eles tinham tido coragem de falar por que e por que não.

Naquela mesa, hipótese eterna agora, o escuro do salão era mais resistente à chama das velas, havia sempre uma penumbra maior, uma intimidade calorosa. A caminho do trabalho, ela se lembrou do cardápio impresso em papel artesanal e de que os pratos vinham cobertos. Lembrou também algo que já nem tinha a ver com o restaurante: uma longa caminhada na madrugada pelas sinuosas travessas do bairro, cruzando carros e jovens que iam e voltavam dos bares. Àquela hora, já verdadeiramente tarde, eles encompridaram a despedida.

Percorreram a noite como adolescentes. A vida já se passara um pedaço todo, e, confusa e doida, se colocava entre eles, aos quarenta anos – filhos, cada um no seu casamento em crise, frustrações, responsabilidades e contas a pagar.

Mas lembrava-se mais vivamente do momento longo em que estiveram juntos na mesa: embriagados por duas garrafas de vinho escolhidas por ele, comendo ainda e chorando a lágrima que escorre solitária e lenta pelo rosto. Foi como se tivessem se amado na mesa mais do que em todas as outras vezes, os corpos entrelaçados apenas pelos braços e o sentimento intenso os unindo.

Não tivera grandes expectativas depois da despedida. Já separada, voltara lá com outros homens. E sentara na mesma mesa. Via agora nítido o único fio de esperança morrendo atrasado. Era o fim.



O megafone insistiu que a vida sexual das mulheres em geral começa com violência. Várias vezes. A frase se desviou do ouvido para alguma fresta do cérebro de Helena e tomou-a toda. Exagero? Sua cabeça doía, devia ser do alvoroço da marcha, e o remédio era ficar só e quieta. Resolveu andar.

Logo se viu pensando em como tinha sido para ela o começo, provocada por aquela frase, ela que doía também, como um caco minúsculo fincado fundo na pele. Encontrou primeiro o espaço vazio da lembrança que havia apagado

– tentado apagar. Contava que sua primeira vez tinha sido aos dezessete anos. Às vezes até preferia dizer que fora mais para a frente, já com o Carlos, namoro comprido do tempo da faculdade. Com ele, sim, conheceu o prazer. Mas havia aquilo mais antigo. Era já quase um vestígio sumido, o dia em que tinha subido com... – o nome dele fugia – pelo elevador para um andar qualquer do prédio em que moravam e entrado no vão da escada sem dar bandeira. Tudo voltava escuro: o zigue-zague dos lances em uma subida acelerada, a luz de emergência apenas, a passada dele maior que a sua, o topo da escada. Ele tinha dito que o cadeado em geral estava aberto, que poderiam ver a cidade e o pôr do sol lá de cima da cobertura, que era lindo, mas não se surpreendeu de encontrar a porta corta-fogo fechada, lacrando o caminho dali para a frente. Sentou tão à vontade no chão que até parecia recostado no sofá – como se já esperasse por isso. Senta aqui, puxou-a, displicente, brusco. Ela, garota, não imaginava premeditação em nada, quanto mais um plano, ou uma armadilha.

Era de enganos assim que falavam também os depoimentos das mulheres que ouvira por duas horas – surras, coação, sexo forçado, muita coisa que ela nem chamaria de estupro. Tudo estupro mesmo, como elas diziam? A voz que lhe tirou das interrogações sem rumo certo dizia que sim. É muito mais comum do que se imagina que a vida sexual de uma menina comece com violência.

Buscou ser cuidadosa com aquele sentimento que veio à tona dolorido e esmaecido, a verdade exumada. Vinha de uma distância de mais de vinte anos o alto da escada de incêndio que ela agora podia ver de novo. Ele a empurrando contra o chão, abrindo o zíper do jeans, levantando o vestido dela. Enfiou-se então determinado entre as suas coxas e, com rigidez, apertou-a mais e mais, segurando os seus braços frouxos com o susto, e ela sem saber direito que aquilo era o sexo. Teve então uma batida seca de porta. Ele parou e aliviou a pressão sobre ela, achando que alguém vinha subindo. Ela aproveitou para se desvencilhar,

levantou-se e, arrumando a roupa de qualquer jeito, começou a descer. Ele calou imóvel, evitando que sua voz ou qualquer barulho ecoasse talvez pela escada. Também ela podia gritar, pedir socorro, chorar. Fugiu apenas. O que disse foi para si mesma: não aconteceu nada, não aconteceu nada, nada, repetiu até chegar em casa, uns andares para baixo, e atravessar a sala e correr direto para o banheiro. Tirou a roupa e viu um pouco de sangue nas pernas. Se perguntou como ele a teria machucado, mas estava tão atordoada e envergonhada e com medo da mãe, que se escondeu até de si no longo banho e não mais pensou.



Para ir embora, é preciso arrancar folhas costuradas: desapegar do outro não é fácil nunca. Mesmo que a separação resulte de um rasgo grande.

Não existe único golpe que rompa o tecido de uma relação. Provocados como por cebola se dando ao corte, os olhos extravasam essas lágrimas, na despedida que se prolonga sempre: preferiam por certo não chorar. A separação é longa e má, rouba as lembranças boas. O precavido guarda sementes de outros sentimentos para o amanhã.

Mauro não sabia, mas cuidava disso ao tirar fotos – obsessivo, quase. Vera se achava um tipo comum, não era vaidosa, nenhuma ambição de modelo. Os cliques a incomodavam. Se Mauro a pegava concentrada em algo, até brigavam. Ela destruía as justificativas, parecidas, mas moduladas de múltiplas formas. Não resisto quando você está linda de um jeito diferente. Essa cara de marota eu quero guardar. O que há de errado nessa camiseta que não serve para uma foto? Ela se sentia desrespeitada. Chegou a jogar longe dois celulares em momentos de fúria.

As melhores fotos eram impressas e arrumadas em um álbum cuidadosamente. Ela não dava muita atenção. Você perde muito tempo com essa mania de fotografar.

Não era um cara prático, não planejava a vida. Trabalhava como representante de pisos e forrações, e sua grande ambição era passar a atender empresas.

Mas, na tarde em que estava separando as coisas dos dois, com a ajuda da faxineira,

ela se viu com os álbuns na mão. Pediu que a moça esvaziasse o armário dele, ajeitando calças, paletó, camisas, camisetas, cuecas e meias na mala, sapatos, tênis e chinelos na sacola. Foi para a cozinha. E enquanto a água fervia para passar o café, ela se viu com a roupa suja de tinta, o cabelo preso de qualquer jeito. Preparada para correr e de bicicleta. Deitada no sofá de pijama. De perfil, na praça, e cuidando dos vasos. Dirigindo e no avião. Na praia, Vera era muitas, andando à beira-mar e com os olhos fechados dormindo ao sol.

Foi quando se deu conta do olhar dele e sentiu o amor impresso nas imagens. Era uma história de desencontro e diferenças. Estava com a vista embaçada.